



O jornalismo econômico: uma necessidade social¹

Ane Gottlieb²

Rosana Pavarino³

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo:

Este artigo discute sobre a importância do jornalismo econômico, responsável por apresentar informações financeiras na sociedade. Tendo como ponto de partida a história do jornalismo econômico no Brasil, mostrando como essa editoria se consolidou no mercado. Também discuti alternativas de se transcrever a economia para o jornalismo que deve abranger o maior número de pessoas possíveis.

Palavras-chave:

Jornalismo econômico, jornalistas, sociedade

1. Introdução:

O compromisso do jornalista com o público é uma das prioridades deste profissional responsável por transmitir informações a uma população, que poderá formular ou formar uma opinião a partir daquilo que lhe foi apresentado.

Segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel ser comprometidos com a verdade, leis com público, verificadores, independentes, monitores e críticos são atribuições básicas que bons jornalistas devem ter. (2004, p. 23-24)

Dentro das especializações do jornalismo, como o jornalismo esportivo e o político, há também o jornalismo econômico, que mostra aspectos ligados à economia, assunto valorizado nos jornais, pois, nesta editoria, tudo que vira notícia pode afetar o financeiro da sociedade que está sendo noticiada.

1 Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

2 Ane Cristine da Silva - Estudante do 6º semestre de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Católica de Brasília (UCB).

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília.



Mas, os jornalistas de economia, atrelados a um “modo de fazer” agendado, usam as informações e as linguagens específicas dificultando o entendimento de seus textos.

Este artigo usa a história para perceber como essa editoria tornou-se relevante no Brasil e como foi consolidada a sua relação com os jornalistas, que escrevem em mídias de massa. Além disso, apresenta algumas características que poderiam beneficiar mais a população com a melhora da transmissão de informações ligadas ao tema.

2.0 Economia: notícia freqüente no Brasil

No Brasil, o período de ascensão do jornalismo econômico foi durante a Ditadura Militar (1964-1988). Vejamos o contexto histórico.

No final da década de 60, o país começou a solicitar empréstimos de bancos norte-americanos, europeus e japoneses, conseguidos a juros baixos. Ao mesmo tempo o governo concedia incentivos fiscais, reduzindo impostos para aumentar as exportações. A economia brasileira crescia em ritmo acelerado. Entre 1968 e 1973, por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB), chegou a crescer 11%.

Esse período, que foi chamado de Milagre Econômico pela imprensa estrangeira, fez com que às editorias de economia, nos jornais brasileiros, crescessem e tivesse destaque nacional e mundial.

No final de 1973, o Milagre Econômico começou a entrar em crise. Com o aumento do preço do petróleo no Oriente Médio, o Brasil e outros países do mundo tiveram que pagar mais pelo petróleo importado. Com isso, houve o início da recessão econômica mundial e o Brasil aumentou a sua dívida externa. O jornalismo econômico aumentou o seu destaque entre as editorias dos jornais por ter que noticiar todos os fatos que envolviam a economia nacional e mundial.

Assim, projetos como Ferrovia do Aço, em Minas Gerais, e o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), construção de oito usinas nucleares para geração de energia, construção de hidrelétricas e do Projeto Carajás - que tinha como objetivo a exploração mineral na área norte do país - foram criados como alternativas de melhora na economia, tornando-se capas de jornal constantemente.

Com o colapso da economia soviética, o jornalismo tornou-se dogmático: passou a falar como portador de uma verdade revelada, como se todas as ideias tivessem sido anuladas por uma única lógica, a do modelo neoliberal. Assim, se consolidou o jornalismo econômico como discurso totalizante, aético e dogmático (KUCINSK, 1998. p. 41)



Os jornalistas de economia conquistaram um status social, por deterem informações necessárias para o desenvolvimento da sociedade. Suely Caldas (2008) apresenta o jornalista de economia como àquele que tem de se impor, ter influencia com pessoas de poder, grandes proprietários e governantes e conhecimento em termos específicos mais do que quaisquer outros jornalistas especializados. Comenta inclusive, sobre as vestimentas desse profissional “Paletó, gravata, e a indefectível maleta 007” (2008 p. 29).

2.1 Periódicos de economia nacionais

A criação de periódicos que só tratariam de economia mostrou como essa editoria tornou-se importante. De acordo com Sidnei Basile (2002), a Revista Exame, criada em 1967, foi à primeira revista criada para viabilizar o conteúdo econômico. Gazeta Mercantil e Valor Econômico também têm destaque nesse quesito. A revista Expansão também teve seu lugar, por ter fundado o moderno jornalismo econômico.

Sidnei relata que a revista Expansão como o periódico que ditou um modelo para o jornalismo econômico contemporâneo. Ela foi fundada por Harvey Poppel, norte-americano formado em Havard Business School. A revista que tratava especificamente de negócios. A sede inicial era no México e passou para Argentina. No Brasil, chegou em 1971. Era vendida e distribuída por todo o território nacional, focava na competência dos empresários e utilizava critérios que recomendava para administração de negócios. Em 1975, foi comprada pela revista Exame.

A revista Exame é um periódico quinzenal da Editora Abril que tem circulação de 200 mil exemplares. Segundo Basile, a Exame tem destaque por se beneficiar com a experiência da Abril que tem várias revistas para públicos especializados. É a revista mais recomendada por professores do curso de Administração de Empresas, por enfatizar assuntos como negócios e administração.

Gazeta Mercantil foi criada em 1920, chegou a ter tiragem de 140 mil exemplares, mas ficou em crise desde o início dos anos 90. As constantes transferências de direção fizeram com que no dia 29 de maio de 2009 o jornal tivesse a suas publicações suspensas. As 100 pessoas que trabalhavam nele tiveram férias coletivas, sem prazo para retorno. O grupo Companhia Brasileira de Multimídia (CBM) que controlava a Gazeta, diz ter herdado R\$ 200 milhões em dívidas trabalhistas. A CBM fez um comunicado à imprensa dizendo que as penhoras para pagar estas dívidas



estavam atrapalhando a manutenção do jornal. Cerca de 300 ações trabalhistas eram movidas contra a Gazeta.

O jornal especializado em economia mais lido atualmente é o Valor Econômico. Uma parceria com O Globo e com a Folha de São Paulo foi lançado no dia 2 de maio de 2000. Hoje, com uma equipe de 61 funcionários, incluindo diretores, editores, administradores e repórteres, possui correspondentes em Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis, Belo Horizonte, São Paulo e Recife. E no exterior em Washington, Genebra e Buenos Áries. O Valor possui uma página na Internet que dá acesso ao jornal impresso do dia anterior e demais arquivos gratuitamente. Também possui uma análise setorial própria com estudos econômicos em 38 áreas como comércio eletrônico, concessionárias de veículos, hospitais privados, telecomunicações e indústria de carne.

O jornalismo econômico divulgado nos periódicos comentados acima não são jornais populares, ou seja, de grande adesão pelo público, são direcionados para públicos específicos como empresários e investidores. Não é comum ver estes periódicos sendo lidos em ônibus, metrô ou em bancas. Grande parte do público leitor provém de assinaturas.

3. Necessidade da universalização do texto jornalístico

Mesmo existindo jornais especializados do assunto, a editoria de economia não deixa de existir nos grandes jornais impressos de circulação nacional, nos telejornais, na radio ou na Internet. Para Rocher, o dinheiro é fundamental para a existência da sociedade “Sem a medida monetária, toda a organização atual do trabalho nas sociedades tecnológicas seria desperdiçada” (1971, p.64).

Para atingir um público amplo, com informações úteis para a sociedade, uma das características que se tornaram necessárias para os jornalistas é a capacidade de universalizar. Para Clóvis Rossi (1980), o jornalismo se define como uma batalha de conquistas das mentes e corações dos leitores, telespectadores e ouvintes, “Uma batalha geralmente sutil e que usa a arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra” (1980, p.7). Portanto, as palavras escolhidas para transmitir algo devem ser selecionadas de forma criteriosa para que não haja erros e interferências nesta sociedade de constantes transformações e grande população

Tal sociedade impõe, portanto, aos membros um grande número de relações a que Parsons chamou “específicas”. Isto é, nas quais as



peessoas só se comprometem parcialmente; deve também desenvolver regras a que Parsons chama “universalistas” pois o particularismo equivaleria a uma verdadeira anarquia. (ROCHER, 1971, p. 51-52)

Para informar os jornalistas, no decorrer da história da profissão, puderam criar formas de escrever específicas do trabalho diário da carreira. O *lead*, primeiro parágrafo das notícias que destaca o fato usando seis perguntas (Quem?, O que?, Quando?, Onde?, Como?, Por quê?), é uma dessas fórmulas que devem ser aprendidas por todos os estudantes de jornalismo.

Presos a critérios como esses o jornalista passa a informação de uma forma massiva e padronizada para o espectador. Elen Geraldes exemplifica:

Buscará o jornalismo a riqueza, a pluralidade, a dinâmica das narrativas-vida? Podemos fazer um paralelo com os teóricos da Escola de Frankfurt. Para eles, a indústria cultural quer o poder da sedução da arte erudita sem introjetar seu potencial crítico, transformador. Da mesma forma, o simulacro representado pela narrativa-fórmula imita temas, conteúdos, encadeamentos e personagens de sua similar viva, preservando, no entanto, a dimensão “realista”, não transcendente, de uma escritura jornalística baseada no *lead* e na pirâmide invertida (2001, p. 148,)

Estes modelos, como o *lead* e a pirâmide invertida, são limites invisíveis que pode tornar um jornalista um reproduzidor de falas alheias, capaz de transcrever fatos que nem mesmo os próprios colegas de trabalho conseguem compreender. Uma das editoriais que recebe as consequências maiores da padronização é a de economia.

Nos textos de economia o jornalista passa a narrar fatos que acontecem sem se preocupar com o que o leitor entende do que é escrito por causa da linguagem utilizada. Para Mário L. Erbolato (2008) o jornalista não deve apenas narrar os fatos ocorridos, mas sim tornar compreensível e assimilável algo para que os espectadores tenham a capacidade de compreender dados, reformulá-los e transmiti-los para um público amplo “Narrar apenas o que aconteceu, sem que se dê conhecimento do fato pormenores, será perder a oportunidade de levar ao receptor um jornalismo vivo, atuante e com histórias humanas.” (ERBOLATO, p. 105)

4.0 O Jornalismo econômico e *economês*

Com o excesso de informações da sociedade complexa e globalizada a busca pela precisão e rapidez tornaram-se prioridade no jornalismo. Nas matérias de economia o uso de números parece trazer todos esses elementos de forma verossímil, precisa e rápida de ser compreendida.



O *economês*, que abrange termos utilizados por economistas, pode ser entendido por banqueiros, operadores de bolsa de valores, acionistas e demais pessoas que trabalham com os termos diariamente. É freqüente o uso do *economês* nas notícias de economia transmitidas, o que dificulta o entendimento do assunto tratado nos textos.

É comum encontramos com matérias como essa:

“Copom segue expectativas e mantém Selic em 8,75%”

Agência Brasil

Publicação: 21/10/2009 18:57 Atualização: 21/10/2009 19:03

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) manteve a taxa básica de juros, Selic, em 8,75%, sem possibilidade de revisão até a próxima reunião do colegiado. A reunião desta quarta-feira (21/10) terminou por volta das 18h40.

Em nota, o Copom, afirma que o patamar definido “é consistente com um cenário inflacionário benigno”.

Confira a íntegra da nota:

Tendo em vista as perspectivas para a inflação em relação à trajetória de metas, o Copom decidiu manter a taxa Selic em 8,75% a.a., sem viés, por unanimidade.

Levando em conta, por um lado, a flexibilização da política monetária implementada desde janeiro, e por outro, a margem de ociosidade dos fatores produtivos, entre outros fatores, o Comitê avalia que esse patamar de taxa básica de juros é consistente com um cenário inflacionário benigno, contribuindo para assegurar a manutenção da inflação na trajetória de metas ao longo do horizonte relevante e para a recuperação não inflacionária da atividade econômica.” (Fonte: Correio Brasiliense, 21/10/2009)

O leitor de economia precisa entender com clareza o que é informado para assim, relacionar o assunto com o seu cotidiano. Mas neste caso é preciso que ele saiba o mínimo de economia. Nessa notícia podemos destacar palavras e expressões como : *Selic, cenário inflacionário benigno, a flexibilização da política monetária, margem de ociosidade dos fatores produtivos* e a frase: *“assegurar a manutenção da inflação na trajetória de metas ao longo do horizonte relevante e para a recuperação não inflacionária da atividade econômica”*, como exemplos de linguagem utilizada de difícil acesso. Termos que poderiam ser traduzidos ou explicados.

Com a ajuda de Alexandre Caruccio⁴, explicaremos três destes termos que ajudariam a compreender melhor essa matéria:

⁴ Economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos (DIEESE).



SELIC - O Sistema especial de Liquidação e Custódia ou taxa SELIC, é o depositário central dos títulos emitidos pelo Tesouro Nacional e pelo Banco Central do Brasil. Nessa condição, é processado a esses títulos, a emissão, o resgate, o pagamento dos juros e a custódia. A taxa apurada no Selic é a obtida mediante o cálculo de taxas ajustadas das operações de financiamento por um dia, dos títulos públicos federais e cursados em sistemas ou em câmaras de compensação e liquidação de ativos, na forma de operações compromissadas. Afeta então, bancos, sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários e sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários.

Cenário Inflacionário benigno - são expectativas de inflação baixas.

Flexibilização da política monetária: O principal agente de política monetária é a taxa de juros. Quando o governo abaixa a taxa de juros, a chamada taxa SELIC, ele está flexibilizando a política monetária. A taxa de juros é o principal instrumento usado para manter a inflação em patamares aceitáveis.

Termos complexos para um espaço pequeno, mas frases menores poderiam explicar os termos ou até substituí-los como:

- **Taxa Selic**, taxa que rege juros financeiros.
- **Cenário Inflacionário benigno** substituído por: momento de baixos índices de inflação
- **Flexibilização da política monetária:** movimentação nas taxas de juros para estabilizar a economia.

O leitor, ouvinte ou telespectador quando recebe uma informação quer imaginar o que foi lido no seu dia-a-dia. O jornalismo econômico, além de apresentar uma linguagem de difícil acesso como uma barreira na comunicação, tem dificuldades de ilustrar a matéria na mente do espectador. Por isso, é comum termos como figuras e ilustrações mais utilizadas para exemplificar as matérias de economia como os gráficos e infográficos. O jornalismo econômico pode atingir mais pessoas fugindo também das matérias relacionadas aos assuntos: desemprego, aumento e baixa de alimentos, venda de produtos em alta.

5. Conclusão

A contextualização histórica do jornalismo econômico mostra que esta editoria foi criada por necessidades informativas da sociedade, atingindo-a diretamente já que aquilo que é anunciado pode afetar a sociedade relatada. Esse jornalismo encontra



outras dificuldades como tradução dos números em algo imaginável e visível para o público. Usar pessoas que ilustrem as matérias, ter mais espaço e tempo para apresentação das informações e mostrar as conseqüências boas ou não de taxas de oscilações nas taxas de juros, por exemplo, traria o jornalismo econômico mais próximo daquele que necessita dessa informação.

Para o Caruccio o jornalismo econômico é para um público privilegiado, que pode compreender o que está sendo dito. “Seria ótimo que o brasileiro tivesse o costume de ler jornais especializados em economia ou a seção de economia dos jornais”, afirmou ele. Isso não quer dizer que os jornalistas precisem esperar para que a grande parte dos brasileiros cresça intelectualmente para entender economia. Este profissional precisa compreender que ele é o responsável por levar ao público a informação de forma traduzida e mais clara possível, foi o que pretendemos exemplificar com este trabalho.



Referências:

- ARRUDA, Jose Robson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a historia**: historia geral e historia do Brasil. 8º São Paulo: Ática, 1999.
- BASILE, Sidnei. **Elementos de jornalismo econômico**: a sociedade bem informada é uma sociedade melhor. 1º Rio de Janeiro: Campus, 2002
- BRASIL, Agência. Gazeta Mercantil suspende publicação e concede férias coletivas a 100 funcionários. Disponível em:
<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/06/02/materia.2009-06-02.5166293467/view> Acesso em: 7 nov. 2009
- BRASILIENSE, Correio. *Copom segue expectativas e mantém Selic em 8,75*. Disponível em:
<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2009/10/21/economia,i=149860/COPOM+SEGUE+EXPECTATIVAS+E+MANTEM+SELIC+EM+8+75.shtml>. Acesso em: 21 out. 2009.
- CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CULTURA, Brasil. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/revolucaoindustrial.htm>
Acesso em: 1 dez. 2009
- ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo**: Redação, captação e edição no jornal diário. 3º São Paulo: Vozes, 1984.
- EXAME, Revista. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/> Acesso em: 7 nov. 2009.
- GERALDES, Elen. Narrativas Jornalísticas: porque o real é complexo. In: BARROS, Antonio (Org.). DUARTE, Jorge (Org.). MARTINEZ, Regina (Org.). LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GEWEHR, Mathias Felipe. A explosão demográfica: causas e consequências. Disponível em: <http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1372>. Acesso em: 1 dez. 2009.
- KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: O que todo jornalista deve saber e o público exigir; tradução: Wladir Dupont. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. Paradoxos do jornalismo econômico. In: **A síndrome da Antena Parabólica**: Ética no jornalismo brasileiro. 3.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- PRIBERAM, **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em:
<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=linguagem> Acesso em: 30 set. 2009.
- ROCHER, Guy. **Sociologia Geral 3**; tradução: Ana Ravara. 1º Lisboa: Presença, 1971.
- ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo?** Coleção Primeiros Passos. 10. ed. Brasiliense, 1994.
- ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- VALOR, Econômico. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/>. Acesso em: 7 nov. 2009